

VERDE AMEAÇADO

» ADRIANA BERNARDES

A Brasília de Lucio Costa, com cada coisa em seu lugar e muito verde entre uma coisa e outra, frequentemente provoca estranhamento ao olhar destreinado dos forasteiros. Mas depois de compreendê-la, fica fácil adotá-la como o segundo lar. Pelo menos foi assim com o servidor público Wesley Fonseca, 35 anos, três deles morando na Asa Norte. “A sensação que eu tinha era a de que esses espaços vazios deixavam tudo mais distante, frio, árido. Hoje, sinto justamente o contrário. O verde aproxima, não só as pessoas, como os diversos setores da cidade.”

O verde propositadamente preservado nos traços de Lucio Costa predominam no que ele batizou de escala bucólica,

aquela que faz a conexão entre as áreas edificadas e não edificadas. Mas ao longo dos anos, esses espaços de domínio público vêm sendo sistematicamente privatizados por uma parcela da sociedade civil com omissão ou anuência dos governos.

De concessão em concessão, a paisagem se transforma. Moradores do Sudoeste decidiram dizer não a mais uma delas e travam uma batalha judicial para impedir que uma área de cerrado entre o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) e o Eixo Monumental dê lugar a 22 blocos com seis andares cada. Alegam que a quadra aprovada por órgãos do Governo do Distrito Federal e até pela superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) não está prevista na Brasília Revi-

Iano Andrade/CB/D.A Press



Desgastada, a grama virou poeira e estacionamento para visitantes

sitada, de Lucio Costa, documento no qual o urbanista discute a preservação, a correção e o avanço de áreas urbanas ao redor do Plano Piloto. “Só conseguimos barrar a expansão na Justiça por-

que o Iphan e o Instituto Brasília Ambiental (Ibram) deram a permissão”, comenta Elber Barbosa, presidente do Conselho Comunitário do Sudoeste. “Ali é uma área verde que pertence a escala

bucólica e deve ser preservada do jeito que está”, diz.

Invasão de carros

Em maior ou menor grau, sobram exemplos de abusos. No comércio local da 207 Norte e na 713 Norte, as áreas verdes cedem lugar a amplos estacionamentos. Na 207, os veículos abriram caminho, destruíram a grama e agora levantam poeira no ir e vir. O comprador Silvio Ferreira, 60 anos, estacionou ali. “Acho que as lojas deviam ter investido em estacionamento subterrâneo”, defende. Uma das administradoras do Bloco C, Silvia Viana diz que o improvisado provoca descontentamento nos comerciantes por conta da poeira. “Pedi à administração que tome providências: se é estacionamento

regular, que eles pavimentem ou joguem uma brita. Se for clandestino, que tome as providências cabíveis”, exige Silvia.

Outro exemplo de invasão dos carros onde deveriam estar árvores ocorre entre os blocos das quadras 713/714 Norte. O espaço coberto de terra e de carros entristece a aposentada Walda Resende de Almeida, 75 anos, 15 deles na Asa Norte. “Olhe só para isso, é um lugar triste. Se tivesse verde, seria muito diferente”, acredita. Já a comerciante Marília Medeiros, 57 anos, defende a regularização do estacionamento. “Se plantar árvores e colocar banquinhos, os traficantes, os usuários de drogas e as prostitutas vão achar uma beleza. E depois, onde vai colocar tanto carro, na cabeça? O melhor para nós é um estacionamento”, defende.